

BREVE ANÁLISE DAS MARCAS DE ORALIDADE NA ESCRITA DE NOMES DE CASAS COMERCIAIS, EM FORTALEZA

Maria Silvana Militão de Alencar

Introdução

Objetivamos com este estudo, fazer uma breve análise qualitativa da influência das marcas de oralidade na escrita de nomes de estabelecimentos comerciais, na cidade de Fortaleza. A idéia de empreendermos tal pesquisa surgiu ao nos depararmos com uma quantidade bastante significativa de cartões de visita nos quais se tornavam evidentes as marcas da fala na escrita dos mesmos e que, acompanhadas por outros recursos lingüísticos, revelavam a potencialidade do efeito fonético na criação lexical.

Partimos da hipótese de que recursos sonoros são trabalhados para significar ou, dizendo de outro modo, que processos de criação lexical são recursos lingüísticos relevantes para produzir efeitos de sentido.

Serviram-nos de embasamento teórico uma revisão bibliográfica sobre as ciências que se ocupam dos sons da fala, bem como trabalhos que tratam do processo neológico e neste, de modo particular, do neologismo fonológico.

O presente trabalho consiste de quatro seções divididas na seguinte ordem: a introdução, que apresenta, de forma sucinta, toda a estrutura da pesquisa; a fundamentação teórica abordando, inicialmente, a problemática que envolve os estudos lingüísticos relacionados à língua/fala para, em seguida, examinarmos questões relativas à criatividade léxica, onde se distinguem a neologia – processo – e o neologismo – produto, ligados ao contexto lingüístico e sócio-cultural. Na terceira seção, analisaremos os dados coletados, como ilustração da hipótese, aqui, levantada. Resta, na quarta seção, a conclusão e, em anexo, alguns cartões de visita e fotos.

1 - Fundamentação Teórica

A língua tem sido a principal marca de identificação de um povo e motivo de luta por sua auto-afirmação. Não podemos esquecer, porém, que muitos desentendimentos, entre pessoas ou grupos, decorrem de falhas na comunicação. Assim, o conhecimento da linguagem, principal instrumento de comunicação, torna-se imprescindível para que possamos viver em harmonia.

Ao lado da língua e, não menos importante do que ela está a fala. *A fala é liberdade de expressão, com finalidade de significação individual, mas que se realiza em determinado momento história da língua.* (CARVALHO, 1989:27). É também, metalinguagem, isto é, fala sobre o que já foi dito, e isto ajuda a compreender as coisas novas.

Quando falamos emitimos uma série de sons e estes não são realizados do mesmo modo por todos os membros de uma comunidade lingüística. No aparelho fonador os sons

podem estar condicionados por determinados contextos fônicos que os circundam, causando apenas diferenças fonéticas imperceptíveis, às vezes, ao falante nativo. Em outra situação, pode ocorrer que uma pessoa, encontrando-se no estágio de avanços e retrocessos em relação às convenções da norma ortográfica, isto é, sem dominar totalmente as regularidades e irregularidades desta, escreva a palavra “casa” conforme a sua pronúncia [‘kaza], demonstrando a tendência de pessoas, semi-alfabetizadas e de pouca formação escolar, de transporem para a escrita os sons emitidos na fala, e revelando, ao mesmo tempo, que a grande dificuldade de apropriação da norma escrita reside na relação fonema, som e letra. Uma relação que pode ser realizada por diferentes sons e então, nos deparamos com os alofones ou as variações fonéticas.

Sabemos que embora haja interdependência entre os dois aspectos – oral e escrito – nem sempre há uma correspondência exata entre os sinais gráficos e a representação de seus respectivos sons, o que nos obriga a levar em consideração as alterações que ocorrem de forma sistemática no nível fonológico, e as que, de forma assistemática, afetam apenas o nível fonético. Mesmo em transcrição, há uma série de procedimentos convencionalizados para essa finalidade. Marcuschi (2001:34) diz que *as relações entre fala e escrita não são óbvias nem lineares, pois elas refletem um constante dinamismo fundado no continuum que se manifesta entre essas duas modalidades de uso de língua*. Posto desse modo, os usuários de uma língua encontram dificuldades tanto na identificação de um fonema, como na segmentação desse *continuum* em palavras, depois em sílabas e, por fim, em fonemas, uma vez que, estes podem estar relacionados a uma ou mais letras correspondentes.

Uma terceira situação pode ser observada no uso e na segmentação dos sons da fala. Trata-se do modo como estes sons são utilizados na construção da mensagem, ou seja, do modo de produzir efeitos persuasivos, onde a intenção comunicativa se sobressai por meio da criatividade léxica. *O léxico de uma língua é como uma galáxia, vive em expansão permanente por incorporar as experiências pessoais e sociais da comunidade que a fala*. (CARVALHO, 1989:22).

Como fato social a língua é, também, interindividual e não, apenas, um lugar de convenções. Demorou bastante tempo até que os lingüistas se decidissem a incorporar aspectos sociais nas descrições das línguas. Dentre os estudiosos que ressaltam a convencionalidade do signo inclui-se Saussure. Conforme Câmara Júnior, há de se levar em conta que *os casos de palavras formadas por efeito imitativo não se integram na função representativa da língua*, pois se prestam à expressão de emoção. Quando uma palavra é utilizada para a exteriorização psíquica ou para o apelo, transcende da língua um esforço para coordenar-se sensorialmente com as coisas que apresenta. (1967:39).

Toda língua é constituída, fundamentalmente, por duas classes de palavras: a) as que representam o universo extralingüístico (lexemas ou palavras de significação externa, classe aberta, sempre em expansão). É esta classe que se enriquece continuamente, relacionando-se com as mudanças do mundo exterior. b) as que funcionam apenas dentro do sistema lingüístico (os morfemas gramaticais, de significação interna, chamados palavras vazias, palavras instrumentais).

Existe, na base das modificações que se processam, uma propriedade dos sistemas lingüísticos: a **criatividade**. Isto permite que o sistema lingüístico seja veículo de novas representações e, assim, o léxico vai se enriquecendo com formações novas, na maioria das vezes, calcadas em palavras já existentes. Os termos novos são, portanto, resultantes da criatividade humana. As atividades humanas e as mudanças sociais provocam o surgimento

de novos lexemas. Com a Sociolinguística a linguagem passa a ser concebida como criação ligada diretamente ao falante que a utiliza no meio social em que vive.

Saussure insistiu no caráter social da língua oposto ao caráter individual da fala e estabeleceu a sua célebre dicotomia *langue/parole*. Escolheu a língua como objeto de estudo: *Um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos*. (SAUSSURE, 1975:17). E, deixou a fala em segundo plano, por ser assistemática, efêmera e heterogênea. Quer dizer que os lingüistas das principais correntes (Saussure, Chomsky dentre outros) reconheciam que a variação encontrada na língua não era uma questão de alterações livres ou aleatórias. *Excluíram-na de consideração com o pretexto de ela era superficial, conseqüentemente, não interessante e difícil de modelar elegantemente*. (CAMERON, s.d.). *Ora, se as significações estivessem já todas na língua, o objeto da fala deixaria de ser infinito e a própria fala deixaria de ser atividade propriamente livre, isto é, criação de novas significações*. (CARVALHO, 1989:27).

1.1 – Neologismo

Cada língua, como elemento de interação social, tem seu léxico constituído de palavras que não são signos isolados, mas elementos de um sistema e sujeitos a uma escala de valores. Como a língua é dinâmica, ela se faz de acordo com as mudanças manifestadas pela criatividade na linguagem, as quais se operam, sobretudo, onde o sistema não corresponde às necessidades expressivas e comunicativas dos falantes.

O sistema lingüístico caracteriza-se por um contínuo nascer de signos que atende a uma exigência do meio social em constante transformação, conseqüentemente, a mutabilidade lingüística, ao nível do léxico, sofre modificações como um processo inerente à língua, embora uma parte nuclear do seu vocabulário permaneça, garantindo, assim, a possibilidade de comunicação no âmbito de uma comunidade nacional e, contribuindo para dar a esta o sentimento de sua continuidade histórica.

Guilbert (1995:31) definiu neologia como ... *a possibilidade de criação de novas unidades lexicais, em razão das regras de produção incluídas no sistema lexical*. Trata-se de um conceito bastante abrangente, uma vez que se refere a todos os fenômenos novos que atingem uma língua, inclusive, os empréstimos.

É no ato de fala, único, que se dá a criação neológica, contudo, a passagem de neologia da fala para a neologia da língua, que começa no ato da criação, passa por vários momentos. O primeiro, é o instante mesmo da criação. O segundo, se refere à recepção e à aceitabilidade do neologismo pelos destinatários, bem como sua inserção no vocabulário e no léxico de um grupo lingüístico, podendo dar-se a difusão ou a rejeição do termo e seu desaparecimento. E, por último, o percurso do neologismo pode completar-se com a perda da consciência do fato neológico, ou seja, a desneologização.

Jean-Claude Boulanger (1979:65-6) definiu neologismo como *uma unidade lexical de criação recente, uma nova acepção de uma palavra já existente, ou ainda, uma palavra recentemente emprestada de um sistema lingüístico estrangeiro e aceito na língua francesa*. Pelo visto, o próprio conceito de neologismo não é absoluto, mas relativo.

1.1.1 – Tipologia de neologismo

Diremos com Guilbert (1975:14-101) que existem *quatro classes de processos geradores da neologia lexical: neologia fonológica, semântica, sintagmática e alogenética. Definem elas uma tipologia de processos instauradores de neologismo.* Nesse trabalho, a nossa preocupação se restringe ao neologismo fonológico.

Barbosa (1996:79) diz que *há todo um mecanismo subjacente ao processo da neologia: a) existência, no sistema lingüístico, de unidades lexicais efetivas disponíveis para atualização pelo falante-ouvinte; b) estruturas que permanecem como modelos e que permitem ao usuário competente criar novas unidades; c) o neologismo pode ser considerado não apenas no sistema, mas no enunciado e no ato de enunciação; d) a neologia como processo dinâmico que vai desde a criação do neologismo até sua desneologicidade.*

Ainda com Guilbert (1975:14-101) *há dois tipos de criatividade léxica:*

- 1) *A neologia de denominação que visa a uma exata adequação do nome com o objeto ou o conceito, para evitar toda a ambigüidade; (p.40).*
- 2) *A neologia estilística ou a do autor, fundada sobre a busca da expressividade da palavra em si mesma ou da frase pela palavra para traduzir idéias não originais de uma maneira nova, para exprimir de um modo inédito uma certa **visão pessoal do mundo.** (p.41). (o grifo é nosso).*

O segundo tipo de neologia nos interessa, particularmente, neste trabalho, isto é, a intenção de quem usa recursos lingüísticos para produzir expressões e significados inesperados.

1.1.1.1- Neologismo fonológico

A neologia fonológica constitui um mecanismo de criação de palavras bastante raro, uma vez que se baseia na formação da substância do significante e na sua transcrição. No entanto, alguns recursos fonológicos podem ser usados com o intuito de provocarem alterações no item lexical. Essa criação pode ser a partir de:

1. Combinatória fonológica que tem que seguir o programa da língua, combinando sons que são combináveis;
2. Criação onomatopaica surgida a partir da imitação dos sons da fala, portanto, motivada;
3. Criação fonológica complementar, que não é a causa do neologismo, mas sua consequência:
 - a) junção de elementos numa seqüência léxica, com acréscimo ou transformação de vogais e consoantes – (sex-o-sexologia);
 - b) integração dos empréstimos ao sistema lingüístico nacional, que num primeiro momento é empréstimo e, num segundo, é transformação fonético-fonológica;
 - c) a sigla que passa de uma seqüência gráfica a uma seqüência fonológica – (FINEP – [fi'nepi];
 - d) transformação fonológica como resultado de uma derivação regressiva – (foto – fotografia, cine – cinema);
 - e) transformação fonológica como resultado da passagem de uma sigla para seu derivado (PT – petista);

- f) modificação gráfica baseada na forma de articulação – (kachorro kente);
- g) aglutinação de palavras numa só, formando uma terceira palavra (enxadachim = enxada + espadachim – trabalhador do campo que luta para sobreviver – Rosa).

2 – Análise de dados

Segundo Malmberg (1993:7), *a evolução lingüística não é apenas um fato de mudança fonética e fonológica. No entanto, as mudanças freqüentemente começam com modificações de pronúncia e, depois, introduzem-se na escrita. Logo*, as modificações que se operam na linguagem verbal, ocorrem, em primeiro lugar, na fala que é mais criativa, inovadora, espontânea, possibilitando a “invenção” lingüística, mas vale ressaltar que o conhecimento e o domínio do sistema lingüístico não vão tolher a criatividade do falante, ao contrário, quanto maior o domínio da língua, maior o potencial lingüístico do falante.

Se cada um de nós tem preferência lingüística dentro do uso individual que se faz da língua, aí se revelam nossas marcas segundo nossa prática social. Na linguagem jornalística, por exemplo, percebe-se a forte presença do estilo individual, através dos recursos lingüísticos, que valorizam a sonoridade, procurando criar uma linguagem de alcance popular. Neste domínio enquadra-se a criação lexical dos nomes das casas comerciais. Todos os “jogos” lexicais aí gerados atendem às exigências de expressividade do autor, demonstrando que a liberdade de expressão, desde que atenda a aceitabilidade da língua, é ilimitada.

Procuramos verificar, por meio dos dados coletados, se as marcas de oralidade presentes na escrita dos mesmos, revelam diferenças do ponto de vista lexical. Sabemos que há duas formas básicas de neologismo: a criação fonológica propriamente dita, e a criação fonológica como processo complementar.

Iniciamos a análise pelo primeiro tipo. Este se divide em dois sub-processos: a criação *ex-nihilo* e a onomatopéia. Do primeiro, por ser totalmente arbitrário e por não tomar para a sua constituição signos mínimos que pertençam a qualquer código lingüístico, não nos foi possível encontrar, nesse *corpus*, nenhum dado comprovante. Com relação ao segundo tipo, por se tratar da onomatopéia, facilita um pouco, uma vez que é parcialmente arbitrária. A onomatopéia constitui um recurso sonoro muito importante pela integração entre o significante e o significado que nela ocorre. A seguir, alguns exemplos: Azzuar, Ritz Café Danceteria, Splash, Thibungo, Zapt, Ziggs, Zung Chopperia, Oups!, Hayei, Ahazzo Lave e muitos outros.

“Splash” e “Thibungo” são duas lojas de artigos para banho de mar. O som das letras, que compõem os nomes das respectivas lojas, lembra o barulho da água no momento do mergulho. No primeiro caso, um empréstimo (anglicismo) e, no segundo, um som local. Em “Zahpt”, o conjunto dos sons imita o ruído de um movimento muito rápido, quem sabe a rapidez no atendimento da oficina de carro. Da mesma forma, outros exemplos também dão essa idéia de movimento brusco, de barulho, ao utilizar a fricativa vozeada /z/, a oclusiva /k/ e a vibrante /r/. Já em “Azzuar” moda jovem, o uso repetido do /z/ lembra zoadá, zoeira. Em “Oups!” há uma idéia de surpresa, de chamamento, pela passagem da vogal média /o/ para a alta /u/, seguida pela oclusiva /p/ e a sibilante /s/.

Passamos, agora, para o segundo tipo da criação fonológica, - a complementar – que, como o próprio nome diz, ela não é a causa e, sim, a consequência de outro modo de criação neológica. Vejamos a seguir:

Processos de criação neológica que podem desencadear a mutação e o neologismo fonológico:

1 – Junção de vários elementos numa seqüência léxica.

Há, na língua, considerável número de unidades lexicais que são criadas a partir de elementos já existentes no universo lexical. Uma vez que se deriva uma palavra de outra, ou se compõe uma terceira palavra decorrente da justaposição ou da aglutinação de duas outras, cria-se um novo significante. Pode ocorrer que, na composição ou na derivação, alguns elementos fonológicos sejam suprimidos, acrescentados ou transformados. Nesse caso, a mutação fonológica é resultado de um outro processo de neologismo. Por exemplo: Farmácia Aldesul, Sinforme Serviços, Dimetal, Engeleto, Fortjato, Modart, Tijotelha, Vidrarte, Frangovos, Restaulanche Palmeira, Rend’art Bordados.

2 – Outro tipo de mutação fonológica complementar ocorre quando a criação repousa num empréstimo de língua estrangeira. O primeiro passo é o empréstimo, o segundo, a transformação fonético-fonológica. Temos por exemplo: Alhaville, Allday, Big Jeans, Casa Nostra, Good Salads, Happy Dog, La Dolce Vita, Em Off Confecções.

3- A transformação fonológica pode ser resultado de uma derivação regressiva. São dois processos simultâneos, a derivação e a alteração fonológica, que ocorrem neste caso. Trata-se de um neologismo não muito comum em outros universos discursivos que não o coloquial e o literário. A seguir alguns exemplos: Auto Clean, Cleo Modas, Constru Ceará, Foto Studio, Infordriver, Kath-Ju, La Conf, Motofácil, Odonto Store, Telebox, Disk Feira. Formas como “foto”, “moto”, “tele”, “kit”, “disk” dentre outras, já são consagradas pelo falante e utilizadas no neologismo fonológico complementar, como vimos acima.

4–Pode haver modificação gráfica como única manifestação de criação neológica: Aky Usados, Assahi Motel, Beibilu Moda, Churrascaria Katoinh, Kuxixo, Destak, Disk Car, Extiky, Gato Enxirido, Il-k Modas, Ka Samba, Kativando, Lav e Lev, Maizum Choperia, Olé Klub, Xiclet’s, Kpricho Jeans, Skina do Baião, Stik Modas, Uzuariu, X da Xica, Xamego Motel, Xarme e Xeiro Cabeleireiro, Koisas do Ceará, Dzakato Confecções, D’Vulgue, Katyta Confecções, Ypióca, Kanto Kente, Aky Usados, Tok Mania, Kapital Bar. Observamos, nos exemplos acima, que se criou um neologismo semântico e que os grafemas diferentes dos empregados para os mesmos fonemas são uma consequência da intenção neológica semântica. Barbosa (1981:191), analisando a palavra “capricho” escrita “kaprixo”, diz *que se trata de um meta-signo. Tinha a função de signo-objeto, quando substituiu o “objeto” do qual é signo; (...) comporta-se, numa segunda etapa, como signo, ou seja, meta-meta-signo (kaprixo – nome de algum produto...)*. Este artifício publicitário, segundo a autora supracitada, é muito empregado em nomes de pequenas lojas, butiques, em nomes de produtos comerciais e tem um efeito muitissignificativo notável. Seu posicionamento foi comprovado em nossa pesquisa, mostrando-se o neologismo mais produtivo.

5 – Outro tipo de neologismo fonológico complementar consiste em aglutinar duas palavras em uma única, formando uma terceira palavra. É conhecido como *portemanteau* ou palavra “valise”. Exemplos: Chrystalia Pizzaria, Clarayana, Clube da

Melhoridade, Intimanoite, Miltransas, Porquilo Alimento, Recantodalagoa, Socomvidros, Zyperaberto, Marealta Confeções, Casablanca, Hotel Brisamar.

6 – Um processo muito empregado é o do redobro. Aqui se dá, a repetição de uma ou mais sílabas da palavra primitiva, como em: Barraca Ula Ula, Cucucaia, Kukukaya, Olé Olé Bar. Exemplos também aparecem nos nomes de lojas de artigos infantis como: Dili Bili, Jacaré Lé Lé, Oba Lá Lá, Lilica, Leleco Baby.

7 – Este tipo de neologismo fonológico complementar encontra-se em caso como o da redistribuição e da mudança de grafemas que não se situam mais ao nível da palavra, mas nas relações de oposições contrastivas, dentro de um enunciado. Em “Kimóveis”, “Kifrangão”, houve uma mudança de expressão exclamativa sintagmática, para um signo que dá nome a um produto, perdendo seu estatuto de sintagma e passando a constituir uma lexia fixa sem o traço exclamativo. Outros exemplos: Ata-me, Bom de Vera, Clu Be Do Coco, F e Minina, Gato Q Ri, Kdtu Ind. Com. Confeções, Kylanche, Motel Ce Que Sabe, Sobre o Mar, Star Livre Lingerie, Kit Vest, Mercadinho Kifrutas.

8 – O neologismo que apresentamos, agora, traz também um traço do empréstimo (anglicismo). O uso do apóstrofo (‘) indicando posse, por exemplo, é uma marca do Inglês. Em Português, o uso desse sinal indica a supressão de letra ou letras. Em “Albertu’s Restaurante”, além da grafia diferente, há a mudança fonética e semântica. “O restaurante do Alberto”. Exemplos seguem: Amici’s Pizza, Di’Gregório, Du’Arte Gesso, Fruty’s Brazil, Kompaktu’s Móveis, Maria’s Cocktail Bar, Neto’s Pizza, Sandra’s.

9 – Como resquício do latim, encontramos alguns casos neste corpus como, Stella Maris, Regina Coeli, Vitae, Gênese, Urbi et Orbi dentre outros.

10 – Encontramos alguns nomes de casas comerciais com efeitos fonológicos diferentes, causados pelo paralelismo sonoro, conforme ilustram os exemplos: Acertos e Consertos, Barrigão e Chupetinha, Biritas e Birutas, Docentes & Decentes, Kat Ket Fashion, Risque e Rabisque, Talhes & Detalhes, Pasto e Pizza, Lav e Lev, Tico & Teco, Vai & Vem rent a car.

11 – Ocorre, também, um tipo de neologismo fonológico que é causado pela mistura da língua local com a língua estrangeira. São inúmeros os exemplos, comprovando, assim, uma característica típica da linguagem publicitária. Em “Boutique Espaço Chic”, temos: “boutique” (do francês) e seu correspondente em português “butique”; “Espaço” numa grafia diferente da empregada na língua padrão “espaço”; e “chic”, do inglês. Seguem outros exemplos: Chicdonna, Chopp Center, Club do Berro, Coco Brazil, Kangaço Rock Street, Langerri Fortaleza, Stop Bar, White Store do Brasil, Habeas Copos Bar.

12 – A criatividade fonológica se destaca nos nomes das lojas de artigos para criança. Podemos observar o uso de efeitos sonoros com uma carga significativa diferente, prevalecendo a sonoridade através de aliterações, assonâncias, repetições, paralelismos, tudo, visando à busca da oralidade que constrói o mundo infantil. Surge um significado novo para um significado preexistente. Por exemplo, “Torre de Bebel” faz alusão à “Torre de Babel”, na Bíblia Sagrada (confusão, balbúrdia). O significado novo veio numa loja de brinquedos, que é o mundo da criança, muita alegria e barulho. Ficou interessante, bem criativo. Na verdade, Bebel é o cognome da proprietária da loja. (Elizabeth). Em “Mundo dos Baixinhos”, a expressão utilizada por uma apresentadora de programa infantil na televisão (Xuxa), muda de categoria gramatical, assumindo o sentido de “crianças”, “meninos”, “infantil”, não mais, o advérbio que indica altura (alto/baixo). Vejamos outros nomes: Alemdalena, Beibilu Moda Infantil, Bibinha Festas, Bola Balão, Dili Bili, Jacaré Lê Lê, Leleco Baby, Laliló, Luluzinha, Oba Lá Lá Buffet, Zexiló.

13 – Por último, a título de ilustração, colocamos, aqui, algumas expressões de uso na linguagem popular que, ao denominarem alguns estabelecimentos imprimem-lhes, também, a cor local. Por exemplo: Lá na Roça, Azul de Fome, Água na Boca, Grotta, Bodega, Mercearia, Terraço, Colher de Pau, Coco Bambu, Boi do Sertão, Dona Florinda.

3 – Conclusão

À guisa de conclusão, parece-nos oportuno tecer alguns comentários. De um modo geral, observamos aquela preocupação em tornar o nome da loja mais elegante, mais chique, buscando, para esse fim, o recurso de uma língua estrangeira, principalmente, do inglês e do francês. Não se tornou difícil encontrarmos palavras complementadas com "fort", "art", "kit", "club", "chic", "stop", "disk" dentre outras, formando, ora uma lexia simples (Modart), ora sintagma preposicionado (Neto's Pizza) ou mesmo uma lexia composta (Kit Frios).

Como falamos, anteriormente, a neologia por empréstimo manifesta-se em diferentes níveis (fonético, fonológico, sintático, semântico etc.) e em diferentes fases de adaptação. Primeiro, o elemento estrangeiro é sentido como externo ao sistema lingüístico, depois dá-se a sua transformação e adaptação. Isto se deve a vários motivos, dentre eles, os culturais, históricos, geográficos, políticos etc.

Em busca do efeito estilístico e na busca da cor local, itens lexicais de diferentes idiomas (italiano, espanhol, inglês, japonês, francês) são facilmente encontrados na publicidade cearense, como uma tentativa, também, de apelo.

Depois, na fase de adaptação da neologia do item estrangeiro, pode ocorrer que o empréstimo chegue a concorrer com elemento grafado de acordo com a língua de origem. Um exemplo interessante é oferecido pela grafia de "lingerie", forma francesa, dicionarizada ao português, empregada lado-a-lado, com "langerrí", sua pronúncia. Também encontramos, nos dados, a palavra "beibilu" concorrendo com "baby", não dicionarizada.

Outra técnica de adaptação de empréstimo é a repetição do mesmo. O uso da palavra "jeans" é um exemplo. Já se tornou tão comum, entre nós, que pode ser considerada como componente do acervo lexical português. Por exemplo, "República do Jeans" é o nome de uma loja que vende roupa feita em brim grosso, muito usada hoje em dia, principalmente, pelos jovens.

O neologismo fonológico causado por transformação gráfica apresentou-se como o mais produtivo. Quase uma transcrição fonética com relação ao fonema oclusivo velar /k/ em "Kpricho", "Katyta", "Kdtu Confecções" e outros, e, com relação às fricativas "s" [s] e "ch" [], que aparecem representadas pelo "x" como em "Kuxixo", "Extiky", "Xamego Motel", "X da Xica" e muitos outros.

E, finalizando, encontramos alguns dados com desvio da norma padrão. Pessoas semi-alfabetizadas buscam, através de outros conhecimentos, que não o lingüístico, estratégias para a escrita e não, simplesmente, fazem a transcrição da fala. Dados como "Pailinha" (Palhinha), "Trás" (Traz), "Côco Verde" (Coco), "Maizena" (Maisena), "Xamego" (Chamego), são manifestações da fala na escrita e encontram sua lógica de raciocínio em processos de aquisição da escrita.

Por tudo o que, aqui, foi discutido, observamos que a necessidade de criar novas palavras, muitas vezes, é oriunda pela falta de termos que traduzam fielmente determinados

elementos do mundo que nos rodeia. Como o léxico não é um sistema fechado, além de possuir, na maioria das vezes, um caráter não arbitrário, permite ao usuário a criação de neologismo de acordo com suas necessidades comunicativas e intuítos expressivos. Portanto, o léxico é uma porta aberta ao enriquecimento da língua.

Esperamos que a pesquisa, aqui, desenvolvida possa delinear-se como ponto de partida, abrindo horizontes para novas investigações que poderão, no futuro, ser aprofundadas.

REFERÊNCIAS

- AMORA, ASoares. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1997. p. 415.
- BARBOSA, M. A.; **Léxico, produção e criatividade**: processos de neologismo. São Paulo: Global, 1981.
- BOULANGER, Jean-Claude. **Néologie et terminologie**. Néologie en March. V.4, p. 9-116, 1979.
- CÂMARA JÚNIOR, J.M. **Princípios de lingüística geral**. 4 ed. Ver. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1967.
- CAMERON, Deborah. **Desmitificação a Sociolingüística**: porque a língua não reflete a sociedade. [s.d.].
- CARVALHO, Nelly. **Empréstimos lingüísticos**. São Paulo: Àtica, 1989.
- GUILBERT, Louis. **La créstivé lexicale**. Paris: Larousse, 1975.
- LISTEL, **Listas Telefônicas Ltda**. [on line] Fortaleza: 2004. Disponível na Internet: listel.com.br.
- MALMBERG, B. **A fonética**. Lisboa: Livros do Brasil, 1993.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Da fala prática para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 1975.

